

NÓS SOMOS: OS MITOS FUNDADORES COMO ASPECTO DA FORMAÇÃO SOCIAL DA ROMA ANTIGA

Ítalo Eduardo da Silva ¹
Ryckel Mynackson Farias Barbosa ²

RESUMO

Os mitos de fundação estão há séculos agregados à formação da identidade e ao imaginário de diversas sociedades. Os povos da Antiguidade construíram narrativas que buscavam explicar o início e as origens de sua comunidade, produzindo pertencimento e a identidade que esses povos tinham sobre si mesmos, seus conterrâneos e seu lugar no tempo e no espaço. Esse elemento, tão presente nessas sociedades, é estudado e debatido nos âmbitos acadêmicos e escolares, na compreensão da construção dos mitos e seu papel dentro das diversas sociedades humanas. Deste modo, debates profundos precisam ser realizados sobre a importância desses mitos para tais sociedades antigas, e, em especial para o presente trabalho, Roma. Por isso, nossa proposta pedagógica teve como objetivo trabalhar os elementos de mitos fundadores com os alunos do 1º ano “B” da EREM Maciel Monteiro, na cidade de Nazaré da Mata em Pernambuco, a partir da criação do mito fundador de Roma pelos próprios alunos, tendo como base certos elementos da narrativa mitológica de Rômulo e Remo, desenvolvendo assim o exercício da imaginação e criatividade do alunado, fortalecendo o ensino de História, mais especificamente, da História Antiga. Para o desenvolvimento da atividade, trabalhamos os conceitos de “Mito” e “Imaginário”, fundamentando nossa argumentação para a compreensão da sociedade romana antiga, percebendo como os antigos olharam para seu passado e construíram sua própria identificação enquanto grupo social, e como nossos estudantes puderam relacionar isso à sua própria vida pessoal, a sua comunidade e sua identidade própria e grupal.

Palavras-chave: Ensino de História, História Antiga, Imaginário, Mito, Roma Antiga.

INTRODUÇÃO

A Antiguidade romana chega até nós através de diversos mecanismos e discursos. Uma das principais formas de recepção do passado é o Cinema, nas mais variadas formas de abordagens acerca do mundo antigo (CARDOSO, 2006). As produções cinematográficas são exemplos de canais responsáveis por formar a nossa Cultura Histórica sobre a Antiguidade romana, que nem sempre caminha junto à historicidade da temática. Portanto, não é sem razão, que a ideia de Roma que temos é de uma civilização poderosíssima, dominante e invencível. As grandiosas obras arquitetônicas de Roma, como o Coliseu, os Arcos de

¹ Graduando do Curso de Licenciatura em História da Universidade de Pernambuco – UPE,

² Graduado pelo Curso de Licenciatura em História da Universidade de Pernambuco – UPE, ryckelmynackson.12@gmail.com





Constantino e o Panteão; o legado político do Senado e da República; a vastidão de seu território. Tudo isso é apenas um pouco de alguns exemplos de tudo o que faz parte da imagem construída que se tem de Roma. Porém, sua grandiosidade não está intrínseca a ela. Os romanos viam sua cidade como eterna, e portanto, imortal e poderosa desde suas remotas origens. O mito fundador de Roma, que conta a história de sua fundação por Rômulo, por exemplo, indica a soberania da cidade desde seus primeiros dias. A Eneida, entre outras coisas, foi fundamental para a construção da identidade de Roma nos dias do Imperador Otávio Augusto. Entre a construção e memória dos mitos, as obras literárias e a historiografia romana há caminhos que se cruzam, se desviam e se conectam.

As sociedades humanas se caracterizam, geralmente, por um agrupamento de pessoas que compartilham um idioma, costumes e traços culturais comuns, no mesmo tempo histórico e espaço geográfico. Ao olharmos, por exemplo, para a Península Itálica nos séculos que precedem a origem da cidade de Roma, encontramos uma região muito diversa, com várias populações independentes e distintas em seus aspectos culturais, linguísticos e religiosos. No Sul da Península, haviam os gregos, os oscanos e os samnitas; mais ao centro, haviam os sabinos e os latinos; e, no Norte haviam os etruscos. Foi no meio desse espaço que a cidade de Roma seria fundada. Daquilo que conhecemos hoje a respeito da história das origens de Roma, podemos afirmar que inicialmente Roma não passava de uma "pequena e desinteressante aldeia da Itália" (BEARD, 2017, p. 19). Assim como qualquer outra sociedade que se desenvolveu e se expandiu ao longo da história, sua origem é modesta e comum.

No caso dos romanos, seu mito fundador mais conhecido é, muito provavelmente, o dos irmãos gêmeos Rômulo e Remo. Temos ciência, entretanto, de que “Não existe apenas uma história de Rômulo. São dezenas de versões muitas vezes incompatíveis [...] A que embasa a maior parte dos relatos modernos remonta no essencial a Lívio” (BEARD, 2017, p. 58, 59). Existem narrativas diversas, com enfoques distintos e informações diferentes. Porém, é particularmente interessante o fato de que a narrativa da criação de Roma por Rômulo não era posta à prova pelos escritores romanos, como aponta Beard (2017, p. 71):

Os historiadores romanos não eram crédulos estúpidos, e questionavam muitos detalhes das histórias tradicionais, mesmo ao recontá-las (o papel da loba, a ancestralidade divina e assim por diante). Mas não expressavam nenhuma dúvida de que Rômulo tivesse existido um dia, e tomado decisões cruciais que afetaram o futuro desenvolvimento de Roma.

Retornando à diversidade de narrativas, ela é parcialmente explicável pelo fato de que antes do trabalho épico produzido por Virgílio não haviam narrativas escritas





sistematizadas com detalhes sobre o passado mítico de Roma. Não apenas haviam várias narrativas sobre o mito de Rômulo, mas haviam vários mitos de fundação sobre Roma. Por exemplo, havia uma narrativa que conferia o título de fundador de Roma a um homem cujo nome era Romus – filho do herói grego Odisseu e uma bruxa chamada Circe. Essa narrativa revela, entre outras coisas, a fortíssima influência cultural que os romanos tiveram dos helênicos, ao que Mary Beard chama de “imperialismo cultural”, uma vez que conferia aos romanos “uma paternidade grega” (BEARD, 2017, p. 76)³.

Tais construções mitológicas são sempre posteriores ao momento histórico que as narrativas se propõem a contar⁴. O próprio nome de Rômulo deve ter sido imaginado para o fundador de Roma, não o contrário como a mitologia romana ab-roga. Diferente do que os romanos antigos imaginavam, eles não herdavam as características de Rômulo, mas imaginaram seu fundador a partir de seu contexto cultural. Ambos heróis podem ser idealizações e uma “lembrança embelezada de dados reais, o traço de uma elaboração lendária nascida na época arcaica ou uma invenção da erudição helenística ou clássica.” (GRANDAZZI, 2010, p. 105). Embora seja verdade que os mitos não sejam necessariamente reconstruções que andem em conformidade com a documentação histórica e arqueológica, não podemos esquecer da importância que eles possuem. Eles são essenciais para a compreensão de como os cidadãos romanos compreendam suas origens e como “estruturavam a sociedade e a política sob a República, o sistema que emergiu depois que a monarquia foi derrubada no fim do século VI a.C.” (MARTINS, 2015, p. 63).

Com base nessas reflexões, buscamos desenvolver, junto aos estudantes do 1º B da EREM Maciel Monteiro, uma atividade que discutisse a importância dos mitos fundadores para as sociedades humanas, utilizando como exemplo a Roma Antiga. Com a atividade

³ Havia, no mundo romano, vários trabalhos empenhados em conhecer a história de Roma. Saber quando ela foi fundada, por exemplo, era importante para pessoas como Cícero, que buscaram traçar uma cronologia da história romana, utilizando, em alguns casos, paralelos com a cronologia da história grega. Na obra de Ático, amigo de Cícero, o autor propôs que a fundação de Roma teria acontecido no dia 21 de Abril de 753 AEC, que teria sido o ano três do sexto ciclo das Olimpíadas.

⁴ Sabemos, também, que não sobraram registros literários contemporâneos à fundação de Roma, e que as histórias que buscam retratar esse passado são narrativas mitológicas que não parecem estar próximas à realidade. Temos conhecimento de que, de acordo com a datação dos isótopos radioativos realizada nos materiais arqueológicos encontrados em Roma, nas colinas já haviam pessoas transitando por ali no terceiro e no segundo milênio AEC (GRANDAZZI, 2010, p. 82), havendo pessoas com moradia fixa entre os séculos XVIII e XIV AEC. Ao que nos parece haviam populações esparsas na região e em algum momento essas diferentes aldeias passaram a integrar uma unidade, e por volta do século VI AEC “[...] Roma era uma comunidade urbana, com um centro e alguns edifícios públicos.” (BEARD, 2017, p. 84). Além disso, mesmo antes do momento em que Roma já constituía uma cidade de fato (meados do século VI AEC) os registros arqueológicos nos indicam que Roma já apresentava intercâmbios com diferentes populações, como seus vizinhos gregos – constatado através de braceletes de marfim cerâmicas de Corinto ou Atenas encontradas em cemitérios – e até mesmo com o Báltico, através da presença de âmbar importado. (BEARD, 2017, p. 85).





proposta, buscamos integrar os alunos na construção do conhecimento e levá-los a refletir sobre História, Memória e mitologia – questões tão essenciais para a construção do conhecimento histórico. Para o desenvolvimento dessa atividade, a discussão dos conceitos de Imaginário e Mito foram essenciais. Além disso, a utilização das Metodologias Ativas para o Ensino de História na Educação básica foi fundamental para a realização prática de nossa proposta, como demonstraremos nas páginas a seguir. Portanto, esse trabalho buscará discutir os referenciais teóricos e metodológicos de nosso trabalho, bem como apresentar um pouco de sua aplicação.

METODOLOGIA

A abordagem metodológica que optamos por aplicar junto aos alunos da EREM Maciel Monteiro teve como inspiração o texto escrito por Guilherme Moerbeck, intitulado *História Antiga no ensino fundamental: um estudo sobre os mitos gregos antigos e a consciência histórica*. A partir deste trabalho, desenvolvemos a abordagem aplicada em nossa intervenção.

O trabalho de Moerbeck, assim como dito pelo próprio autor, teve como objetivo visualizar a formação da *Consciência Histórica* dos estudantes do 6º ano do Ensino Fundamental II – Anos Finais, na Baixada Fluminense, a partir de um trabalho dividido em etapas. Entretanto, diferente do trabalho produzido por Moerbeck (2018), não dispusemos de tempo suficiente para a feitura do trabalho com todas as suas etapas. Dessa forma, a última parte do trabalho, que consistia na criação de narrativas de cosmogonia dos seus alunos, foi a parte que serviu de inspiração de forma direta para a nossa atividade proposta através do conteúdo que estávamos ministrando: Roma Antiga.

O processo de trabalho que utilizamos abarca o que conhecemos por *Metodologias Ativas*, que, para o pesquisador José Moran (2018, p. 38), consiste:

Em um sentido amplo, toda aprendizagem é ativa em algum grau, porque exige do aprendiz e do docente formas diferentes de movimentação interna e externa, de motivação, seleção, interpretação, comparação, avaliação, aplicação. [...]

E neste processo que selecionamos para a aplicação da atividade, o diálogo entre professor e aluno se tornou próximo a partir das trocas conjuntas entre um e outro. Essas trocas entre os dois lados possibilitaram uma abertura maior para a participação do alunado, mediante os conteúdos ministrados e propostos. Conhecemos que o desenvolvimento da





matéria de História sempre seguiu o limitado: ensinar por parte do docente e decorar por parte dos estudantes; prendendo o aluno a um papel passivo em relação ao aprendizado e não possibilitando uma abertura para um aprendizado significativo (SILVA, 2021, p. 30). Por isso, abrimos um novo leque de possibilidades aos discentes para que se expressassem e colocassem a si mesmos dentro do aprendizado, a partir do que foi proposto em sala.

Assim, ao considerar o conhecimento do educando, não se trata de (des)politizar o discurso do professor, posto que não há discurso apolítico, mas de trazer um equilíbrio e ponderação. No diálogo entre professor e aluno, é importante que cada aluno se perceba como um ser social, alguém que vive numa determinada época, num determinado país ou região, oriundo de determinada classe social, contemporâneos de determinados acontecimentos. (SILVA, 2021, p. 35).

Desse modo, nossa atividade foi desenvolvida da seguinte forma: (1) fizemos um apanhado básico de informações acerca da Roma Antiga, desconstruindo ideias da grandiosa Roma imperial conhecida pelos alunos, mostrando que antes os romanos eram apenas um entre outros povos que viviam ali. Apresentamos também a geografia e o mapa da Península Itálica, apresentando aos alunos informações acerca do território, além de mostrar a formação original de Roma e os seus sete montes; (2) antes de prosseguirmos a apresentação acerca do mito fundador romano, intervimos com a atividade, pedindo para que os alunos se separassem em grupos de cinco a seis alunos e criassem o mito de fundação de Roma a partir de personagens-chave do mito original e suas características: Rômulo, Remo, Réia Silvia, Numitor, Amulius, Marte e a Loba – e a partir daí a criatividade era toda dos alunos⁵; (3) após apurarmos as histórias e as características implantadas nos personagens pelos alunos, apresentamos o mito comumente conhecido de Rômulo e Remo e debatemos o que é um *Mito* e como ele é formado a partir do *Imaginário* da população acerca da cidade e o seu povo.

REFERENCIAL TEÓRICO

O primeiro referencial teórico que iremos abordar neste trabalho é o conceito de *Imaginário*, proposto por Sandra Jatahy Pesavento em seu livro *O imaginário das cidade: visões literárias do urbano - Paris, Rio de Janeiro, Porto Alegre*, para compreendermos como essa construção do Imaginário molda e cria cidades e seus ideais na sociedade, em especial a romana em seus primeiros momentos de unificação e formação.

⁵ Optamos por fazer a atividade antes da apresentação para vermos quais histórias seriam criadas, o quanto os alunos usariam de suas imaginações sem terem conhecimento do “mito original”.





Para a autora, o primeiro aspecto com que podemos definir uma localidade como cidade é o elemento de *cidade-mito*, uma cidade fundada sobre a base de uma tradição antiga, sobre uma história e narrativa do que ela viria a ser. A construção do Imaginário da cidade é um dos elementos que a autora pontua como sendo essencial para a emolduração do que a cidade é e como ela se apresenta no real (PESAVENTO, 2002, p. 7, 8). Como uma edificação vinda da mente dos indivíduos, em sua metafísica imaginária, surgem então modelos e a proposta cidade que se é buscada a ser edificada propriamente dita.

Uma das formas que esse imaginário se propaga entre as pessoas é através da literatura. No caso específico da Roma podemos perceber tais elementos, pois, aquela que no passado não passava de um povoado, que não tinha nada de especial em relação aos demais ao seu redor, (BEARD, 2017, p. 19) se propagou enquanto cidade predestinada desde suas origens a ser a capital imperial da Península Itálica e dos seus domínios no mediterrâneo, no norte africano e na Ásia menor, graças a desenvoltura do Imaginário propagado sobre seu próprio passado. Cabe olharmos para a construção do primeiro mito fundador romano de Rômulo e Remo; o mito edificador e estabelecedor do que Roma era para o mundo antigo, serviu para moldar a imagem do que era Roma, suas questões sociais, míticas e afins (de acordo com a literatura da época).

Mesmo que haja diversas versões do mito, como a versão de Tito Livo, Cícero e outros, uma visão geral permanece; uma imagem padrão do mito perpetua: a fundação de Roma foi efetuada por Rômulo que unificou os setes montes; eis aqui o que nós somos, o que a nossa cidade é por causa das relações daquele período longínquo. Pesavento (2002, p. 14) define esse pensamento da seguinte forma: “Trata-se, sem dúvida, de espaços e personagens imaginários que, contudo, se constroem sobre experiências vividas na trama das relações sociais.”.

Para o desenvolvimento de nosso trabalho, outro conceito fundamental a ser compreendido foi o “mito”, dentro das discussões do historiador romeno Mircea Eliade. Segundo ele, “o mito é sempre uma narrativa de criação”. Como iremos relembrar ao longo da nossa abordagem, os mitos narram histórias sagradas e transmitem acontecimentos de um tempo primordial, um tempo fabuloso, onde os entes sobrenaturais estão atuantes, e fazem com que “uma realidade venha à existência, seja uma realidade total, o Cosmos, seja somente um fragmento: uma ilha, uma espécie vegetal, uma instituição humana” (ELIADE, 1978, p. 23).

Os mitos fundadores exercem papel significativo nessa discussão. Afinal, são fundamentais na construção da identidade coletiva de um determinado povo, ao explicar as





origens de uma comunidade e/ou uma nação. Os mitos fundadores apresentam algumas características que o determinam. Por exemplo, nessa modalidade de mito estão presentes figuras míticas que efetuam feitos extraordinários e/ou sobrenaturais, sendo em vários casos antepassados de toda a comunidade ou parte dela. Os atos sobrenaturais realizados por esses indivíduos como uma demonstração do caráter extraordinário da origem do grupo. Mas não apenas isso, esses mitos transmitem valores e princípios fundamentais para aquela sociedade, estabelecendo um guia de conduta para o grupo.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados aferidos em relação à proposta foram bastante positivos. A imersão da sala foi considerável, com vários grupos planejando toda a sua própria trama, sempre pedindo para que voltássemos os slides para que eles vissem os nomes dos personagens ou os nomes dos sete montes romanos; e até mesmo questionando sobre a liberdade criativa, sempre vindo até nós perguntar se poderiam ou não alterar algumas coisas (algo que nos surpreendeu positivamente, demonstrando que a proposta não era habitual para eles).

O processo de desenvolvimento da atividade seguiu as necessidades dos discentes. Como pontuado pelo professor supervisor do projeto, a turma em questão não se envolve muito em debates profundos como uma bancada de perguntas e respostas, por exemplo; mas em um desenvolvimento mais criativo e principalmente se for manual, a imersão deles nas atividades são bastante positivas. Desse modo, o processo adotado para a feitura de tal trabalho seguiu o que fora colocado por Botelho e Silva (2023, p. 105):

A proposta das metodologias ativas é de que os alunos participem efetivamente da construção do conhecimento. Esse protagonismo do aluno no processo de ensino aprendizagem respeita seu próprio ritmo, tempo e estilo, provocando melhora no seu aprendizado e no envolvimento com as atividades do ensino.

Tal desenvolvimento pôde ser visto. Houveram grupos que fizeram um trabalho mais fechado e arrumado, com diversos detalhes e uma imaginação aflorada, enquanto outros fizeram história mais curtas e com menos detalhes do que os demais, com alguns tendo até dificuldade na hora de narrar a sua produção mitológica. Ainda assim, seguimos a proposta de Botelho e Silva, não repreendendo-os por isso, mas trabalhamos em cima do que fora criado por eles.

Como pontuado anteriormente, o nosso prazo para a realização do trabalho consistiu em sua feitura na hora da aplicação do conteúdo, dispondo de algo em torno de 20 a 30





minutos da aula para que os alunos se separassem em grupos e fizessem as suas histórias. Também foi optado por nós e entrado em acordo com o professor supervisor que seria melhor os alunos apresentarem a narrativa de forma oral, já que escrevê-la tomaria mais tempo que não possuíamos para debater o assunto. Por isso, ao final, não temos as narrativas escritas das histórias de cada grupo, podendo apenas pontuar os pontos trazidos por eles.

Entre os diversos trabalhos apresentados pelos alunos, podemos destacar como a questão da traição está presente; como em uma história que utilizou Numitor, rei de Alba Longa, e Amulius, seu irmão invejoso. Já em outros, podemos ver os personagens principais, Rômulo e Remo, guerreando ou em conjunto unificando os sete montes, ou brigando cada um entre si pelo domínio do monte do outro e unificando o restante. Em outra história, Ares participa diretamente como o deus da guerra, enfrentando exércitos inteiros e auxiliando Rômulo e Remo no aspecto da unificação romana.

Uma das histórias que nos chamou a atenção tinha a Loba, o símbolo mais conhecido da fundação mitológica, como a madrastra que criou os gêmeos após Réia Silvia ter deixado as crianças no rio Tíbre para se protegerem de Numitor, sendo neste trabalho não a representação costumeira de uma loba literal que amamentou Rômulo e Remo, mas sim uma humana que tinha o nome de Loba e que criou os protagonistas.

Essa representação feita por um dos grupos foi marcante em nossa reflexão, já que uma das imagens ilustrativas da nossa apresentação era a imagem clássica (figura 1), que foi mostrada antes da atividade. Essa colocação feita pelos estudantes foi interessante, pois acabou dialogando com a visão de Tito Livio acerca da personagem Loba, que o literato latino dizia não ser um animal que criou os meninos, mas sim uma prostituta que tinha esse nome, pois o termo *Lupa* em latim era traduzido como Loba (BEARD, 2017, p. 60).

Figura 1 - Rômulo e Remo sendo amamentados pela Loba





Fonte: Wikimedia⁶

Já em relação aos demais trabalhos produzidos pelos estudantes, um ponto que nos chamou a atenção também foi a questão da violência no mundo antigo. Em todas as produções midiáticas desde o século passado como o cinema, por exemplo, o imaginário sobre acerca da Antiguidade sempre é retratado como um ambiente de violência; escravidão, homicídio, guerras sanguinolentas e tantos outros temas são apresentados nas telas, e toda essa representação ficou visível nas produções dos alunos, já que vimos o elemento de guerra, de morte, de tomada violenta de territórios presente nas criações da maioria dos grupos. Como apresentado por Moerbeck em seu texto, tal construção passa pela construção da *Consciência Histórica* dos estudantes; o mundo em que eles vivem e absorvem o conhecimento sobre o passado é refletido na sala de aula e nas atividades propostas. Mas não somente, a Antiguidade enquanto um ambiente de violência converge com a ideia proposta por Souza Neto (2024, p. 408):

As culturas da Antiguidade não eram particularmente violentas ou voltadas para o morticínio, e as imagens que as mostram banhadas em sangue são reverberações posteriores, em especial (mas não só) da cultura de massas dos séculos XX e XXI, como o cinema e os jogos eletrônicos, expressões nas quais o passado precisa ser um local de espanto, em que coisas teoricamente impensáveis no presente sejam corriqueiras, e o inacreditável, comum – naqueles países estrangeiros (e antigos) fazem-se coisas supostamente impensáveis no meu tempo de vida, na minha vizinhança, em meu país.

⁶ Imagem disponível em: <https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/thumb/a/aa/Capitoline_she-wolf_Musei_Capitolini_MC1181.jpg/1200px-Capitoline_she-wolf_Musei_Capitolini_MC1181.jpg>. Acesso em 15 de outubro de 2025.





Assim, a produção deste trabalho foi satisfatória enquanto um trabalho em conjunto e desenvolvido com a turma do 1º “B” da EREM Maciel Monteiro em Nazaré da Mata - Pernambuco. A partir desta atividade, podemos ensinar aos estudantes a formação dos mitos fundadores, como elas agregam ao imaginário das populações da época e como um sentimento de unidade é formado. Nessa troca ativa, visualizamos um grande potencial criativo dos alunos, assim como eles nos fizeram refletir sobre como o passado é pensado por eles, sendo também um resultado satisfatório.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como aponta Norberto Guarinello (2020, p. 17), é necessário produzir uma história que “faça sentido para as preocupações do presente”. Ou seja, a Antiguidade na sala de aula não pode mais estar presa às histórias dos grandes heróis, das grandes batalhas ou do progresso e avanço das sociedades “ocidentais”. É necessário apresentar uma História Antiga que dialogue com os estudantes, que os faça refletir sobre a importância das diferenças e a construir alteridade - uma História Antiga que enxergue novos espaços e agentes.

Portanto, com esse trabalho, buscamos estabelecer uma possibilidade de comunicação entre a Antiguidade e adolescentes do século XXI. Assim, pudemos construir, em sala de aula, um espaço de reflexão sobre a forma como sociedades antigas – tomando o caso da romana – pensavam o seu próprio passado e se enxergavam no presente, levando os alunos a desenvolver a imaginação e a criatividade, mas também senso crítico e conhecimento historiográfico acerca da temática estudada. Nossa experiência foi capaz de perceber como o mundo antigo segue sendo importante para a contemporaneidade, pois como afirma Moerbeek (2021, p. 75):

Uma História Antiga para o século XXI deve focar em uma agenda que dê conta de questões relacionadas às desigualdades econômicas, de gênero, étnico-religiosas e o perigo de governos autoritários. Dizer que a Antiguidade não nos pode fazer refletir sobre questões tão urgentes é tão somente falta de imaginação ou boa vontade [...] Os alunos e alunas rejubilar-se-ão com o estudo da Antiguidade à medida que se sintam sujeitos a se questionarem sobre suas próprias histórias.

AGRADECIMENTOS

Gostaríamos de agradecer a oportunidade cedida a nós para a participação desse projeto do PIBID financiado pela CAPES/CNPQ, que nos possibilitou a





aplicação desse trabalho. Também gostaríamos de agradecer do fundo dos nossos corações ao 1º ano “B” da EREM Maciel Monteiro por ser uma turma que está sempre participando dessas intervenções, possibilitando, assim, a realização dos trabalhos e o desenvolvimento de uma educação de qualidade, que promove a inserção dos estudantes enquanto sujeitos sociais ativos na sua vida civil, educacional e moral. Obrigado a todos!

REFERÊNCIAS

BEARD, M. SPQR: Uma História da Roma Antiga. **Crítica**, 2017.

BOTELHO, R. L. B.; SILVA, A. S. O uso de metodologias ativas no ensino de História. **Revista Perquirere**, V. 20, N. 3, Minas Gerais, p. 100 - 117, 2023.

CARDOSO, C. F. Ficção científica, percepção e ontologia: e se o mundo não passasse de algo simulado? **História, Ciências, Saúde-Manguinhos**, V. 13, N. suppl, p. 17 37, out. 2006.

ELIADE, M. Aspectos do Mito. São Paulo: **Edições 70**, 1979.

_____. O mito do Eterno Retorno. São Paulo: **Perspectiva**, 1978.

GRANDAZZI, A. Origens de Roma. Tradução: Christiane Gradwohl Colas. São Paulo: **Editora Unesp**, 2010.

GUARINELLO, N. História Antiga. São Paulo: **Contexto**, 2020.

MARTIN, T. Roma Antiga: de Rômulo a Justiniano. Tradução: Iuri Abreu. Porto Alegre, RS: **L&M PM**, 2015.

MOERBECK, G. Em Defesa do Ensino da História Antiga nas escolas contemporâneas: Base Nacional Curricular Comum, Usos do Passado e Pedagogia Decolonial. **Brathair: Revista de Estudos Celtas e Germânicos**, v. 21 n. 1, p. 50 – 95, 2021.

_____. História Antiga no ensino fundamental: um estudo sobre os mitos gregos antigos e a consciência histórica. **Revista História Hoje**, V. 7, N. 13, p. 225 - 247, 2018.

MORAN, J. Metodologias ativas para uma aprendizagem mais profunda. In: BACICH, Lilian.; MORAN, José. (orgs.). Metodologias ativas para uma educação inovadora: uma abordagem teórico-prática. Porto Alegre: **Penso**, E-book, p. 35 – 76, 2018.

SILVA, M. L. A. T. Ensino de história: metodologias ativas e aprendizagem significativa. **Revista Informação em Cultura**, V. 3, N. 2, p. 27 - 46, 2021.

SOUZA NETO, J. M. G. “E assim deveriam apresentar-te: com vergonha, não descaramento, por todo mal que causastes.” Preâmbulo à violência e o cinema sobre a Antiguidade. In: OLIVEIRA SILVA, Maria Aparecida; PINTO, Renato. (orgs.). Violência no mundo antigo: materialidades, discursos e imaginários. Recife: **Ed. UFPE**, recurso online, 2024.



